CARTA
ESCRITA
POR
L. P. A. P.
A HUM SEU PATRICIO
DA
CIDADE DA BAHIA.

LISBOA,

NA NOVA OFFICINA DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

ANNO M.DCCC.VIII.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Casa da Gazeta.

PROLOGO.

AMIGO LEITOR,

O Ffereço-te huma Relação circunstanciada dos acontecimentos que se succederão huns aos outros em Portugal, desde a entrada do Exercito de Junot até a sua evacuação. Não me consta que alguem emprehendesse este trabalho: eu o julguei util, e até necessario para descortinar á face dos Portuguezes varias illuzões, e imposturas com que os Francezes tem procurado enganar as Nações, e illudir os espiritos superficiaes. Escrevi em titulo de carta a hum amigo, (e na verdade como Brazileiro que sou, tive em vista outro amigo daquelle Paiz, a quem dou noticia do que neste Reino, aonde me acho, se tem passado) porque neste Estilo ha mais franqueza, e he mais simples; qualidades que caracterizão a verdade. Esta he a que acharás, amigo Leitor, em todos os factos: aprende, e aprenda a Europa toda a conhecer, que os Francezes são huns Impostores, são contradictorios a si mesmos no que dizem, e no que obrão; são menos temiveis as suas armas na Hespanha e Portugal; já não são os invenciveis do Mundo. Que lição! Abrão-se os olhos. Isto bastará para salvar a Europa.

Vale.

Ami-

AMigo, sendo o Estilo a maneira de exprimir, e illuminar os pensamentos, devemos desvelar-nos com particular cuidado, em que elle proceda com os differentes generos de escrever, assim como presentemente me succede. O Creador, que não fez nunca cousas perfeitamente semelhantes, diversificou, do mesmo modo, que as nossas fisionomias, as nossas opiniões, e idéas; e da mesma maneira a fórma de expressallas. Quiz que cada Nação tivesse hum caracter distinctivo, que lhe fosse proprio; e esta maravilhosa differença, que caracteriza cada individuo della; prova o assumpto, que me proponho narrar-vos. Bem sei que não faltaráõ partidistas, e criticos, que queirão refutar o que a minha tosca penna descreve; mas como estamos em hum seculo cheio de miseraveis Filosofos, que, apartados inteiramente da sã doutrina, só anuncião sofismas por Leis fundamentaes; elles fazem com seus escritos esquecer as verdades, e ensurdecer a voz da Natureza, e de todo desapparecer a Humanidade. Tomo por defeza os escritos dos Filosofos antigos, aquelles, que como Aristêo, quotidianamente dirigião a verdade, e os Concidadãos honrados, e virtuosos. Em fim fallo da Nação Franceza, da qual houve, em outro tempo, alguns individuos que forão dictadores da verdade; que sem rebuço expunhão os melhores dictames, e franqueavão os caminhos mais escabrosos, para chegarmos á destruição do vicio. De entre elles apparecerão outros, cuja semente pecaminosa revive ainda, para a destruição do genero Humano; estes só tem a figura de homens, e o cora-

ra-

ração de féras devoradoras, que já mais forão vistas na pratica de crueldades. He certo que todo o Universo tem perfeito conhecimento delles; huns pelas noticias das crueldades praticadas em huma larga revolução; outros pela pratica das inhumanidades, que em seus territorios tem experimentado, como se vio presentemente em a Cidade de Lisboa, unica que até então escapára. Chegou em fim a vez de verem, e sentirem os seus Habitantes as mais tremendas atrocidades, que imaginar se póde; pois entrando nella em 30 de Novembro de 1807 hum Chefe de huma quadrilha de 24 mil homens, mandado por hum usurpador das vidas, e fazendas do genero humano; que não satisfeito de ter extorquido avultadas sommas do Erario do nosso Catholico PRINCIPE REGENTE de Portugal; de ter jurado huma perfeita neutralidade, (que só esta custou dezoito milhões de cruzados;) de ter arruinado o seu Commercio, com a tomada de tantos Navios carregados de preciosos generos, que ancorados nos seus Portos se achavão debaixo da boa fé, rompe este usurpador os vinculos mais sagrados; e, como Lobo esfaimado, quer apoderar-se da innocente ovelha, e dos seus thesouros; tomando com falso pretexto o Titulo de Protector; e em seu nome se puzerão nas Praças públicas desta Capital Editaes, que em summa dizião.,
„ Habitantes de Lisboa, eu venho salvar o vosso Porto, e o
„ vosso PRINCIPE, da influencia maligna da Inglaterra.
„ Moradores de Lisboa, vivei socegados, não receeis cousa al-
„ guma do meu Exercito, nem de mim; o Grande Napo-
„ leão meu Amo emvia-me para vos proteger, eu vos pro-
„ tegerei. Junot.

A primeira Protecção foi o flagello de todo o Povo, mettendo-se-lhe em casa em ar de hospedes ladrões, que além

da

da vexação, que fazião em se lhes apromptar tudo quanto desejavão, querião cevar os seus pessimos desejos com as honradas familias. As Hostilidades que fizerão por toda a parte por onde passarão. Apoderou-se o Chefe de todas as alfaias da Casa Real, e, a seu exemplo, os seus parceiros de tudo quanto acharão nas casas onde forão assistir, sem pejo, sem modestia, e sem respeito mandando logo encaixotar tudo o mais precioso, que enviarão para Paris. Depois huma contribuição de seis milhões de cruzados, que breve se lhes entregou; e o mais notavel he, que obrigando ao Povo a receber a pequena porção de dinheiro, que trouxerão, pelo valor que tinha em París, não o quizerão acceitar sem o rebate de hum e meio por cento. Fecharão as Alfandegas, e não consentirão na venda dos effeitos que nellas se achavão, á excepção daquella porção que comprarão, por via dos seus Partidistas, para mandarem para París, a fim de as comprarem por modico preço. Depois aprisionarão as propriedades todas da Nação Ingleza; até fizerão pagar a terça parte do valor das fazendas daquella Nação, que os Negociantes tinhão comprado. Obrigou a principal Nobreza de Portugal a hir prostrar-se ante o monstro do Universo, a fim de dizer, que ella mesma pedia novo Rei para Portugal, do mesmo modo que praticou com a Hollanda. Estendeo-se mais a Protecção em todos os ramos; segue-se o flagello até pelas Provincias mais remotas, aonde chegava parte da dita quadrilha, que espalhada por todo o Reino não cessavão de flagellar os seus Habitantes com roubos, e assassinios de toda a especie, que inventar podem homens, que não professão Religião alguma, mais que a sua vontade despotica; apoyada sempre pelo vil Chefe, que os conduzio. As lagrimas das innocentes victimas não fazião mossa nos empedernidos

co-

corações de semelhante gente; erão como vento que no incendio só atêa as chamas. A moral, que he tão necessaria em todas as condições, que ensina a que vivamos bem comnosco, e com o proximo, para conhecer fundamentalmente o que deve regular os nossos costumes, e servir de guia no meio das revoluções, e escolhos desta vida, como base, sobre que assenta a probidade, e o Christianismo, desappareceo como fumo nos corações desta vil Nação.

A moral sim, que em si tem certos ramos tão extensos, e em tanto numero, que sustem os Imperios, as Cortes, e as Cidades, sociedades, e familias com a sua influencia, e virtude que ella tem mostrado pelo modo mais claro, e mais exacto, o que devemos a Deos, a nós mesmos, e aos nossos semelhantes, fazendo-nos bons parentes, bons amigos, bons Cidadãos, e bons Vassallos; que encerra em si mesma quanto se póde desejar em qualquer Jerarquia, em que a Providencia nos ha collocado; os mesmos gentios a praticão, pensando que assim merecem a eterna felicidade; e huma Nação, que se jacta de civilizada, a detesta. He regra sabida, e verdade incontrastavel, que o bom Pastor desvia as suas Ovelhas dos montes áridos, e as conduz a campos de mimoso feno que lhe pertenção; mas o máo Pastor que as leva para estragarem as seáras alheias, conduzindo-as para o ajudarem a destruir o que o proximo cultivára á custa de tantas fadigas, e trabalhos; nem só lhes ensina a serem assassinos, mas expondo-os a perigos, e precipicios, só pelo vil preço do que podem roubar. Hum Pastor de qualidade tal, que não attende ao direito das gentes, que se serve de imposturas, e aleivosias, convidando os outros debaixo da boa fé para os aprisionar, e apoderar-se dos seus Titulos, das suas searas; deve ser derrotado com todo o

seu

seu rebanho ; e para memoria dos vindouros, reduzir-se o seu territorio a cinzas, riscando-se da Historia o nome de tal Tyranno. Perdoai, amigo, o terme apartado da narração, que pertendo fazer-vos, a fim de mostrar a Moral, que não ignorais, deve seguir o Homem virtuoso, e por aquella Nação não praticada. Com effeito assim foi subsistindo todo o modo de Tyrannia; e o Povo soffredor gemia debaixo do jugo, sem saber do fim da sùa cruel sorte, em quanto o Tyranno escogitava novos meios de o atormentar, até què appareceo no 1. de Fevereiro de 1808 hum infame Decreto do modo seguinte :
„ Em Nosso Palacio Real de Milão a 23 de Dezembro de
„ 1807, Napoleão, Imperador dos Francezes, Rei da Italia,
„ Protector da Confederação do Rheno. Havemos Decretado,
„ e Decretamos o seguinte: Artigo 1.º Huma Contribuição ex-
„ traordinaria de Guerra, de cem Milhões de Francos, será
„ imposta sobre o Reino de Portugal, para servir de resgate
„ de todas as Propriedades, debaixo de quaesquer denomina-
„ ções, que possão ser pertencentes a Particulares: Artigo 2.º
„ Esta Contribuição será repartida por Provincias, e por Cidades,
„ segùndo as posses de cada huma, pelos cuidados do General em
„ Chefe do Nosso Exercito ; e tomar-se-hão as medidas ne-
„ cessarias para a sua prompta arrecadação. Artigo 3.º Todos
„ os bens pertencentes á Rainha de Portugal, ao PRINCIPE
„ REGENTE, e aos PRINCIPES que disfrutão apanagios,
„ serão sequestrados. Todos os bens dos Fidalgos, que acompa-
„ nharão o PRINCIPE, quando abandonou o Paiz, que não
„ se tiverem recolhido ao Reino até ao dia 15 de Fevereiro de
„ 1808, serão igualmente sequestrados. Napoleão. „ Lede, amigo, com reflexão o dito Decreto, e colligireis delle o caracter do nosso Protector ; sabe-se muito bem que o nosso

Amado PRINCIPE não emigrou ; que foi para hum Paiz seu ; que os Fidalgos não podião voltar até o dia aprazado ; que os Cidadãos não tinhão as suas Propriedades cativas, para as resgatar , como decreta este Tyranno ; pois só por cevar a sua ambição , e raiva de não poder pilhar ás mãos o nosso PRINCIPE e SENHOR , para o fazer escravo , como fez a todos da Familia Real de Hespanha, que fiados nas suas imposturas, fingida amizade, e Protecção, obtiverão logo a pãga do sacrificio, que fizerão ao nosso PRINCIPE, e a todo o Reino de Portugal com o auxilio que lhe derão. O Tyranno sempre pensou , que com as suas imposturas se apoderaria da Pessoa do nosso Catholico PRINCIPE, e de toda Real Familia; este avisado pela generosa Nação Ingleza , escapou das unhas do mesmo Tyranno; e agora se sabe, que elle não só queria apoderar-se da Sua Real Pessoa , e do seu Reino, mas até das suas Americas; para o que já tinha feito nomeações de Governadores para ellas, como quem contava de certo com a vontade daquelles Habitantes, sempre fieis ao seu Soberano; sem se lembrar que elles, só por si, em o 1.° de Maio de 1625 (dia memoravel para nós!) tinhão sacudido os Piratas Hollandezes , que se tinhão apoderado daquelles Territorios ; elles ainda que vivem distantes da Europa, tem largas noticias de quanto tem praticado o Tyranno, que como a traidora, e astuta aranha, tem tecido fios com que tem enredado todo Mundo. Vêde como no segundo Artigo do dito Decreto se deixava aos cuidados do General em Chefe o tomar as medidas necessarias para a sua prompta arrecadação , este teve a habilidade de compôr de tres Artigos , 24 ditos com tamanha subtileza que nada lhe escapou , (Napoleão bem conhecia a quem encommendava taes cuidados) de fórma tal que não es-

ca-

capava Habitante algum deste Reino que não fosse multado, por rata de sua fortuna conhecida, ou presumida, e que se pagaria em tres terços a dita Contribuição; (da qual eu felizmente escapei) de sorte que só no primeiro terço tirou-se mais de cincoenta milhões de cruzados; pois dizendo este no 4. Artigo que o Ouro, e Prata de todas as Igrejas, Capellas, e Confrarias da Cidade de Lisboa, e seu Termo, serião conduzidas á Casa da Moeda no termo de quinze dias, e as das Provincias, e Cidades de todo o Reino, serião entregues aos Recebedores das Decimas dos mesmos Lugares, para serem remettidas sem demora para a mesma Casa da moeda; só este Artigo importou grande somma, que continuadamente de dia, e noite se fundião barras; e com maior actividade desde o dia 25 de Agosto, quando voltou da Campanha o tal General em Chefe, até o dia 14 de Setembro; e as peças que não coube no tempo poderem-se fundir, as mandou amassar para melhor se encaixotar, a fim de as poder conduzir. (Este he hum dos factos mais claro, que o Sol ao meio dia) Appareceo outro Decreto, em que promovia o Chefe da mencionada quadrilha, para Governador do Reino de Portugal, com o titulo de Duque de Abrantes, afiançando grandes felicidades aos moradores desta Capital, e nelle se promettia que algum dia a Beira Alta, e o Algarve, acharião o seu Camões; não faltou de apparecer, como com effeito appareceo; mas antes que elle apparecesse, sahio do Porto o General Hespanhol Belesta com toda a Sua Tropa, levando Prisioneiros aquelles dos Francezes que alli se achavão. Este facto não deixou de agitar grandemente o espirito daquella Cidade; porém ella ficou ainda opprimida com o Governo Francez, tomando as suas redeas alguns Portuguezes Partidistas do mesmo. Porém appareceo á maneira de novo Moysés mandado

 do

do por Deos para remir o seu Povo do cativeiro de Faraó, hum individuo, que dizem natural de Coimbra, o qual achando-se no Porto, elle, e mais outros dois puchando huma Peça pelas ruas, acclamarão Sua Alteza o PRINCIPE REGENTE; logo se lhes unio todo o Povo; sumirão-se os Partidistas, e immediatamente se organizou o Governo Portuguez, sendo Presidente o Bispo da mesma Cidade; e de todas as mais partes daquelle continente, fizerão os seus Habitantes o mesmo, aprisionando, e matando a quantos Francezes se lhes oppozerão. No Algarve appareceo o promettido Camões em 17 de Junho de 1808, sim, o novo Camões, o Coronel José Lopes de Souza, Governador de Villa Real de Santo Antonio; que revivendo de entre as cinzas dos grandes Albuquerques, Gamas, Marialvas, e outros valorosos Portuguezes, sempre temidos, e nunca vencidos, coroados de louros, pelas grandes victorias que alcançarão na Asia, em Montes Claros, Elvas, Campo de Ourique, Aljubarrota, e os que deixo de nomear; achando-se no lugar de Olhão, onde o Governador Francez mandára affixar huma Ordem, em que os opprimidos Portuguezes erão convidados a tomar armas contra os nossos visinhos Hespanhoes; este fiel Vassallo arrancou o Edital, e rompendo o involuntario silencio, exclama para huns poucos de homens maritimos, unica gente que habitava aquella estancia, com vozes, e gestos os mais expressivos: *Ah Portuguezes, já não merecemos este nome, e nada somos já!* „ A que os poucos homens gritando com voz unanime, responderão „ *Somos ainda Portuguezes, e estamos promptos a dar a vida pela Religião, pelo PRINCIPE, e pela Patria.* Aquelles poucos homens facilmente attrahirão a si o restante da Povoação; elegerão ao mesmo novo Camões para seu Chefe, e fo-

forão atacar, debaixo do seu commando, os Francezes que alcançarão no lugar, e pondo-se no estado de defeza que poderão, forão tirar da Fortaleza, sita em a costa, a Artilheria que lá se achava. No dia 18 forão atacados pelos Francezes, que se achavão na Cidade de Faro; os quaes forão rechaçados, deixando no campo muitos mortos, e todas as munições, fugindo o resto que escapou com as armas nas mãos. A seu exemplo o Povo da Cidade de Faro, no dia 19, tocando a rebate, pondo-se á testa delle hum Paisano, e os Militares Sebastião Cabreira, Capitão de Artilheria, e seus Irmãos Belchior Cabreira, e Severo Cabreira, como tambem Lazaro Landeiro, e outros, arvorarão o Estandarte Nacional, juntando-se logo toda a Nobreza, Clero, e Ordens Religiosas, a quem o dito Povo em o dia 20 convocou, prestando todos juramento de fidelidade sobre as peças de Artilheria; depois forão atacar ao inimigo, reduzindo a cinzas a quantos da vil quadrilha poderão encontrar, aprisionando muitos Soldados, Officiaes, e o mesmo General Morain que lá se achava, sendo ao todo 170 homens.

O valoroso Paisano vendo que todos os lugares do Poente se achavão debaixo do jugo da tyrannia Franceza marchou logo arrebatadamente (fazendo huma fala aos seus compatriotas, bem digna de memoria) a Loulé, Albofeira, Lagoa, Sylves, Villa Nova de Portimão, Alvor, Lagos, e outros lugares, fazendo prender todos os Francezes alli existentes; e aquelles, que os póvos notavão serem Partidistas Francezes, em quanto os outros marchavão para Tavira; e com tal felicidade, que em 48 horas não havia lugar algum, que não tivesse com admiravel enthusiasmo restaurado a sua liberdade. A Villa de Monxique sendo a ultima do Algarve para a parte do Norte,

te, a Villa de Odemira, e Villa Nova de Mil Flores, do mesmo modo se restauraráo; estas convidando aos moradores da Villa de Sant-Iago de Cassem, estes honrados Habitantes fizeráo logo acclamar o PRINCIPE REGENTE N. S., e marchando estes para a Villa de Sines, onde ainda permanecia o Governo Francez, no Castello da mesma Praça os aprisionaráo, e os conduziráo ao Governo do Reino do Algarve; e o mesmo fizeráo na Villa de Grandola: depois foráo pedir soccorro ao Almeirante C. Coton, Commandante da Esquadra Britanica, que se achava ancorada defronte da Fós do Tejo. O dito Almeirante fez partir logo huma Fragata commandada pelo Capitáo Matheus Smith, que dando fundo no Porto da Villa de Sines, desembarcou, e espalhou pelas Villas de Sant-Iago de Cassem, Sines, Villa Nova de Mil Flores, e Odemira, muitas espingardas, pistolas, espadas, polvora, e bala com que se defenderáo os mesmos valorosos Habitantes de Sant-Iago de Cassem, quando foráo atacados pelos Francezes, que se achaváo em Setubal, pelo sitio da Comporta, onde foráo rechaçados. Estes fieis Habitantes juntaráo ao seu partido mais de 1$200 Portuguezes; elegeráo huma Junta de Governo; sustentaráo á sua custa todos os alistados debaixo da sua Bandeira. Náo ficará no esquecimento daquelles povos as grandes acções praticadas pelo Coronel José Lopes de Souza, e outros; e por Bonifacio Gomes de Carvalho, Prior de Sant-Iago de Cassem primeiro Deputado daquella Junta.

Estes honrados, e fieis Vassallos náo deixaráo de se distinguir como Heroes, que sabem fabricar o esmalte para fazer luzir a Coroa da sua immortalidade. Ficou todo o Algarve livre dos tyrannos que lá se áchaváo, e o resto que das suas máos escapou foráo estragar, roubar, e assassinar os infelizes mo-

moradores da Cidade de Béja; voltando para esta Capital, carregados de avultados thesouros, e nos seus semblantes risonhos conhecidos crimes.

O Chefe feito Governador na posse do Ouro do Erario, e das Alfaias dos Sagrados Templos, (que nem estas escapárão) ainda assim não satisfeita a sua ambição, tomou posse dos Cófres do Deposito público, a coisa no mundo a mais sagrada; e querendo enriquecer os do seu partido, determinou que marchassem huns para a Cidade de Leiria, Obidos, Evora Cidade, e outros lugares, a matar saquear, e fazer toda a especie de crueldade; e o executarão tão bem, que até algumas povoações dizem reduzirão a cinzas, arrancando os innocentes filhos do regaço das infelizes mãis, fazendo-os voar pelo ar nas pontas das bayonetas, dando os ultimos suspiros, ao mesmo passo que passavão as mãis pela mesma sorte: as mesmas Esposas de Jesus Christo forão sacrificadas á sua tyrannia, experimentando toda a sorte de crueldade, e martyrio, por não consentirem nas suas brutaes acções: O virtuoso Bispo do Maranhão, que se achava revestido com as vestes Santas na sua Capella, representando a figura de Christo, e com o mesmo Christo na mão, foi sacrificado ás iras dos tyrannos, que o atacarão, morrendo Martyrizado de tiros, e pontas de afiadas espadas; e com animo tranquillo bem mostrou a sua fidelidade, e Patriotismo. Ah! barbaros que não vos lembrais da palavra de Deos, que recommenda *não offendão os meus Christos na terra.* Entre tanto os resgatados pelo novo Moysés, juntando todos os honrados Concidadãos, levantarão hum numeroso, e valoroso Exercito, se puzerão em marcha para virem resgatar os Habitrntes de Lisboa; souberão no caminho que na Cidade de Bragança, e na Covilhá se armavão dez

pa-

para doze mil homens, comprados pelo Chefe facinoroso, que pertendia faze-los entrar nesta Capital, a titulo que era reforço que lhe tinha vindo de França, para o que tinha mandado fazer fardamento correspondente; mas que gente será a quem elle seduzio! N.B. A Nação Judaica, que tantas desordens tem causado nesta Capital, como se vio no Reinado d'ElRei D. João IV., e estes a alguns Christãos, que pelo vil interesse, se deixarão corromper, sem se lembrarem do seu Patriotismo; e do mesmo modo apparecerão innumeraveis nesta Capital, que por módico salario servião de espias accusadoras, que em pouco tempo fizerão encher os carceres, de que era carcereiro o malvado Intendente Lagarde, hum Nero do seculo presente, escolhido sempre para executor das tyrannias do seu Imperador, que a furto conserva o titulo, e a Coroa, e talvez por pouca duração, pois da Hespanha escapou a unhas de cavallo, deixando hum numeroso Exercito de 200 mil homens, do qual os que escaparão da morte, ficarão prisioneiros dos honrados Hespanhoes; que de entre elles se conta o raivoso Lannes, o cruel Dupont, Bedel, e outros que já mais o ajudarãõ nas suas vís emprezas. He de esperar que os Povos de todo o Norte, a exemplo de Hespanha, e Portugal, quebrem as cadêas com que os maniatava tão vil Tyranno; e que juntos a huma voz digão: Morra o cruel assassino Napoleão. Com effeito o valoroso Exercito marchou contra aquelles regulos; compensando-os com a paga do seu merecido crime, e deixando aquelles Lugares em socego, voltarão ao seu primeiro intento. No mesmo tempo desembarcarão huns cem meninos perdidos, como se annunciou em papeis públicos, e forão-se acampar nos campos da Lourinhá á espera do Exercito Portuguez, onde forão atacados pelo Chefe Governador de

Lis-

Lisboa Junot com todas as suas Tropas, sem se lembrar que os cem meninos perdidos erão da Nação Ingleza, e Nação que sempre os tem derrotado, ainda mesmo quando os encontra com forças combinadas. Estes cem meninos perdidos o desbaratarão, e o fizerão largar o campo da batalha vergonhosamente, ajudando-os os Portuguezes que lá se achavão unidos a elles em 21 de Agosto de 1808, deixando 2:206 mortos, e 2:720 prisioneiros, e conduzindo 702 feridos; perdeo toda a Artilheria, e a maior parte das bagagens; e por ter chegado nessa occasião o General Dalrimple, e contentar-se este com a victoria, não forão seguidos, e derrotados: voltando para esta Capital cheios de susto, companheiro fiel do coração dos malvados; pois no caminho souberão que os habitantes de Lisboa se armavão para libertarem a Cidade. O General dos cem meninos perdidos claramente lhe mostrou o dever da humanidade, mandando que fossem bem tratados os Prisioneiros, e que tivessem os seus a maior vigilancia, a fim de não os deixarem escapar, por conhecer, por factos provados, que desappareceo do meio daquella vil Nação a honra, e probidade; mandou enterrar os mortos, para a qual acção forão chamados os moradores daquelle lugar, que do seu trabalho ficarão bem compensados, pelo que lhes acharão dos saques, que elles tinhão dado nas Cidades, e Villas por onde tinhão andado roubando. Logo que chegarão a esta Capital, tratarão de Capitulos de convenção.

Deixe-mo-los nos seus ajustes, e trataremos do novo Camões do Algarve; que marchando com o Exercito, commandado pelo honrado Conde de Castro-Marim, se apoderou da Villa de Setubal entre vivas, e acclamações daquelles habitantes; e depois do Castello de Palmela, e Villa de Almada,

aprizionando, e matando quantos achou; e de alegria se illuminou toda aquella povoação, levantando a Bandeira Portugueza, que de longe observavão os mesmos tyrannos.

Depois do dia da assignalada Victoria, os Inglezes forão tomando posse das Fortalezas, e lugares circumvisinhos da Cidade, e igualmente o Exercito Portuguez; de fórma que os vencidos forão obrigados a se abarracarem pelas Praças públicas, onde raivosos se apromptavão para embarcarem nos Navios de transporte da Nação Ingleza: ao infeliz Portuguez, que á noite de longe passava, atiravão-lhe, e assim forão matando alguns, sendo do mesmo modo compensados, pois os Portuguezes lhes fazião o mesmo quando os encontravão dispersos pelas ruas.

Logo appareceo hum Edital em que se fazia público terse formado huma Junta authorizada para fazer repôr tudo o que se tinha furtado dos Passos Reaes, e Casas dos Particulares, onde estiverão hospedados os taes ladrões. Com effeito finalizados os ajustes da Convenção, entre os Generaes Inglez, e Francez, em que se determinou evacuarem os Francezes a Cidade de Lisboa em 15 de Setembro de 1808 (que com effeito assim o fizerão) dia memoravel para os habitantes de todo o Reino, que por satisfação do prazer, e alegria não faltarão em demostrar nos seus animos, o maior festejo com repiques de sinos, fogos artificiaes, e todo o modo de festim; e com júbilo se ouvia de toda a parte entoar em altas vozes: *Viva, Viva o PRINCIPE REGENTE de Portugal.* Levantando-se logo o Estandarte Real Portuguez no Castello, e mais Fortalezas, Náos, Navios, Conventos, e Igrejas de toda a Cidade; sendo soltos os Hespanhoes, que tinhão sido desarmados e prezos; estes, com os Portuguezes em ranchos

pe-

pelas ruas, gritavão, tanto de dia como de noite, que bem se conhecião, por se achar toda a Cidade illuminada: *Viva MARIA Primeira, Viva o PRINCIPE REGENTE, Viva a Hespanha, Viva Inglaterra, e morra o cruel Napoleão, e tambem seu Irmão, e todos os seus vassallos, e a sua geração.* Se algum individuo daquella Nação era encontrado pelas ruas, recebia do Povo o premio das suas tyrannias; e senão fossem as promptas providencias que se derão, he de crer, que nem hum só escaparia ás iras do mesmo Povo: mas assim mesmo forão muitos prezos que se achavão homiziados nas casas onde erão achados, pelos Hespanhoes, e pelo Povo. Apezar da satisfação que tiverão pela publicação do honroso Decreto, expedido pelo General da nossa amiga e alliada Nação Ingleza, em que claramente se conhecem as suas pias intenções, restabelecendo tudo na fórma antiga que deixara o nosso amado PRINCIPE, chamando para a Regencia os mesmos que tinhão sido nomeados pelo mesmo Senhor, excluindo porém alguns daquelles que as circunstancias da oppressão, e da illusão Franceza tinha angareado ao seu Governo; ficando por isso mesmo suspeitos a todos os fieis Portuguezes. Hum pudor filho da modestia me prohibe escrever os nomes de muitos Portuguezes que se distinguirão, com apurado zelo, no Governo Francez, perdendo de todo o caracter da Nação, e sem Patriotismo algum os ajudavão descaradamente nas suas malvadas intenções, opprimindo deste modo aos seus Compatriotas, sem lhes servir de modélo o caracter de muitos que se despedirão do serviço; huns ausentando-se fugitivos a procurarem o emparo do nosso bom PRINCIPE; outros pedindo a sua demissão, como succedeo a muitos Militares, que não quizerão seguir os seus Regimentos quando marcharão para a França; e muitos destes

forão-se encorporar ao Exercito Portuguez, que marchava em defeza da Patria, e alguns que continuarão nas funções dos seus empregos, se distinguirão, como succedeo ao Excellentissimo D. Antonio de Almada, o Excellentissimo D. Francisco Xavier de Noronha e Juiz do Povo; que sendo chamados para pedirem novo Rei, se portarão como verdadeiros Portuguezes e fieis Vassallos. Foi tambem chamado o Excellentissimo Lucas de Seabra da Silva para exercer o seu emprego de Intendente Geral da Policia, que com as suas sabias, e virtuosas instrucções, cheias de Religião e de Patriotismo, conhecido antigamente, como bem tinha servido o mesmo emprego com satisfação de Sua Alteza Real e de todo Povo; deo logo as mais uteis providencias, a fim de cessarem os tumultos, que principiavão na Cidade contra os partidistas Francezes, fazendo prender a todos os que se achavão culpados. Em nenhuma época da nossa Monarquia, mostrarão os Portuguezes tanta energía, como na presente, pois rompendo a Revolução espantosamente nos dias 13, 14, e 15 de Junho de 1807, em Bragança, Chaves, Villa Real, e por todo o Tras-os-Montes; appareceo logo em Bragança o General Sepulveda, em Villa Real o Tenente Coronel Francisco da Silveira Pinto, e outros muitos valorosos Portuguezes que se unirão, e se pozerão em estado de defeza, e de atacarem o inimigo. O éco da trombeta Lusitana resoou, e appareceo a fermentação popular; em todas as partes apparecêrão homens de todas as classes, Religiosos, Monsenhores, Conegos, Clerigos, e outros com hum fervor digno do brio Portuguez; de fórma que as trez Provincias do Norte forão totalmente livres; e marchando do Porto para a Cidade de Coimbra o Doutor José Bernardo de Azevedo, e outros, com alguns voluntarios, que de-

depois de fazerem pelo caminho valorosas acções; foi na quella Cidade acclamado o PRINCIPE REGENTE no dia 24 de Junho, e prezos todos os Francezes que escaparão da morte: e por saber-se nesta Cidade que o inimigo se achava em Vizeu, com o projecto de atacar, se tocou a rebate no dia 26, e logo apparecerão no outro dia 15 a 20 mil paisanos armados de lanças, e roçadouras; apparecêrão tambem todos os Estudantes fardados, emuniciados com armas, cavallos, e sustentados á sua custa em todo o tempo que acompanharão o Exercito, com hum enthusiasmo bem digno das acções que fizerão, nos ataques que se derão, onde elles erão os primeiros; elles forão os que libertarão a Figueira, Pombal, Leiria, Ega, Soure, Pederneira, Nazareth onde conquistarão o Forte deste nome, o de S. Gião, e o de S. Martinho, matando, e aprisionando a quantos Francezes lá acharão; elles forão os primeiroa a acclamar em todas as Terras por onde passarão o nosso Amado PRINCIPE REGENTE; sim estes Mancebos generosos, e esforçados, suspendendo as tarefas de Minerva, correrão á porfia ás bandeiras de Marte com hum ardor nunca visto.

Da Cidade de Lisboa se ausentou para Coimbra o Commandante da 1. Companhia do Corpo de Cavallaria da Guarda da Policia Elesiario de Carvalho, que servia de Ajudante, e outros Sargentos, e Furrieis de mais duas Companhias, levando comsigo os Soldados das mesmas, a fim de se unirem ao nosso Exercito Portuguez, expostos a imminentes perigos de serem atacados pelo inimigo; mas estes valorosos Soldados nada temêrão. A exemplo destes se ausentarão quasi todos os individuos da mesma Guarda da Policia. De Salvaterra tambem se ausentou para o dito Exercito o Tenente Antonio Pinto Al-

va-

vares Pereira com 66 homens armados, tirando do inimigo 70 Cavallos arreados; e tendo de fazer huma marcha de 60 legoas por hum Paiz entrecortado por Tropas inimigas; nada servio de obstaculo a este valoroso Official, nem aos seus Soldados, pois só se via na sua alegre fisionomia o desejo de restaurar a sua Patria. Logo depois se ausentou do mesmo lugar hum Cabo d'esquadra de Cavallaria, e 12 Soldados; estes, e outros forão quebrando deste modo as cadêas que os maniatavão. Todos os Habitantes desta Cidade vendo-se insultados com os embustes, e imposturas as mais grosseiras, que diariamente se vião nos papeis públicos pregados pelas esquinas, em vez de temerem augmentavão no seu animo a indignação; todos desejavão fazer huma insurreição, logo que achassem occasião opportuna, apezar de se verem sem armas, que debaixo de pretextos ridiculos, e de temor forão tomadas dos particulares: ninguem conhecia melhor o descontentamento dos mesmos Habitantes, como o General Junot, que apezar das suas ameaças, pompa, e apparato, nunca arrancou hum viva da boca do honrado Portuguez, ou hum chapeo da sua cabeça. No Porto, Viana, Entre-Douro e Minho, e parte da Beira se unirão cem mil leaes Portuguezes voluntariamente, com hum Patriotismo nunca visto, pois todos concorrerão não só com as suas pessoas mas sim com dinheiro, mantimentos, cavallos e todos os mais accessorios precisos para a defeza da Patria: e em todas as mais partes deste Reino se pozerão os seus Habitantes em acção de huma Guerra Nacional.

O Governo do Porto, e de todas as mais partes onde se estabelecerão Juntas de Governo, os membros delle se mostrarão com a maior actividade, interesse commum, e lealdade, fazendo os maiores esforços, e até impossiveis, fazendo-se por

is-

isso bem dignos de serem cantados os seus nomes nos annaes da fama. Foi escolhido para General em Chefe do Exercito, o Excellentissimo Bernardim Freire de Andrada, que com a maior actividade, zelo, e prudencia, o organizou de hum modo assás digno de combater o inimigo, chamando, para os Postos immediatos a elle, os sujeitos mais benemeritos; os seus nomes, e de todos aquelles que mais se distinguirão, a Historia os fará lembrados. Em Coimbra se fabricou muita polvora, bala, metralha, e todos os mais artificios necessarios para a Guerra, que era o de que mais precisava aquella Cidade.

A Cavallaria Portugueza que se achava unida ao Exercito Inglez, no dia da Campanha, foi a que desbaratou primeiro o inimigo, fazendo entre elles o estrago mais fatal, com tamanha coragem, que o mesmo inimigo teve de invejar o seu valor. O General Loison, bem conhecido pelo nome de maneta, que tinha hido para atacar o Porto, este sendo avisado no caminho por alguns traidores Portuguezes, fugio vergonhosamente; mas assim mesmo foi perseguido sem achar apoyo em parte alguma, e foi atacado diversas vezes por pequeno numero de paisanos que lhe tomarão as bagagens, e o que elle tinha furtado nos lugares por onde passou; em cujo número andava hum Frade que nunca deo tiro que perdesse, e assim foi-se-lhe matando, aprisionando, e ferindo a quantos podião encontrar, de fórma que sahindo desta Capital com 5 mil homens, entrou com mil e sete centos, e para encubrir a perda que teve, quando chegou, foi preciso que Junot mandasse embarcar na Ribeira das Náos muitos Soldados, para desembarcarem no Cáes da pedra, e se unirem a elle; mas os Habitantes desta Capital já tinhão visto vir mais de 800

fe-

feridos, e sabião da perda que tivera o mesmo, pelos lugares por onde andou.

Em fim, amigo, deve estar capacitado todo o mundo, que já mais os cobardes Francezes se pozerão em campo fiados só nas suas armas, mas sim em compras, e traições, que são aquellas que levão sempre para peleijar com os infelizes que tem cahido debaixo do seu jugo, com a felicidade de acharem entre os mesmos infelizes homens malvados, que por avultados premios seguem o seu partido, e por isso elles tem contado tantas victorias. Não sei porque modo achou Junot no General Dalrimple melhor fortuna, que os Portuguezes não encontrarão na sua benigna Protecção; creio que a muita humanidade deste General lhe fez esquecer as tyrannias praticadas por aquelle apócrifo Duque. Não sabemos de que pasmará mais a Historia; se dos grandes erros politicos de Napoleão; se da atrocidade, e infamia que praticou com o nosso PRINCIPE, e com Fernando VII., e a Familia Real de Hespanha.

Ve-se hoje, e com grande satisfação, e alegria levantado o Estandarte Real Portuguez em todas as partes deste Reino; gosão da deliciosa paz os seus Habitantes; já se não encontrão nas Cidades, Villas, povoações, e ruas desta Capital Individuos daquella vil canalha: Os honrados Portuguezes desfrutão as suas Propriedades, depois de as resgatarem; os máos vivem cheios de susto até chegar a hora de receberem a paga do partido que seguirão, de entre elles se contão homens de todas as classes, que provados os seus crimes, serão bem remunerados para exemplo; assim como já succedeo a muitos a quem os honrados Portuguezes premiarão os seus relevantes serviços, e falsidades.

E

E tu, ó Bonaparte, injusto, e cruel Conquistador, o sangue das victimas, que sacrificaste á tua vã, e esteril gloria, banhará eternamente a tua frente ornada de louros homicidas; cuberto de pejo, e confusão, verás com os teus iracundos olhos coroada a humilde virtude; e a innocencia cercada de gloria, e prazer dirá: *Aqui existirão, e jazem as cinzas.* Não basta, ó tyranno, ter muita gente, e dinheiro á tua disposição; convém de mais disso saber como se devem empregar estas duas cousas, e advertir que os lances felizes nem sempre estão entre as mãos de quem mais póde. Bem sei que a ambição não dá lugar ao Conquistador a discorrer; e muito principalmente, quando elle he levantado do pó como tu és; sabe pois que as Coroas, e os Sceptros só se fizerão para os nascidos de Sangue Real, e não para aventureiros; que estes sempre tem o coração desconsolado, e viuvo, não achando objecto que o satisfaça, e embaraçado comsigo mesmo se precipita nos abysmos de novas tyrannias; e ordinariamente se perde no meio dos vapores que reinão á roda do Throno; e por mais que se cance em deixar huma memoria viva das suas acções depois da morte, o remorso sempre o acompanha até á sepultura; e se alguma vez são lembrados, os louvores que lhes offerecem são vituperios, que contra elles se proferem. Não succede assim com os Heróes virtuosos, que souberão deixar após de si huma fama, que já mais ha de perecer. Lembra-te que essa Nação com quem te associaste, fez perecer o seu virtuoso Rei, e que póde ser, que de entre ella mesma reviva quem vingue os ultrajes que tens feito a toda a Europa; e Deos, que julga as acções dos homens, he o vingador certo, que nunca deixa o crime impune.

Ah! Perfido! Como te enganaste! vê o fim que tiverão

os Piratas que mandaste a Portugal, e Hespanha, e o que hão de ter os teus Partidistas; vê a influencia da generosa Nação Ingleza: sim, não he aquella influencia maligna, como se publicou, que os honrados Portuguezes nunca engolirão; pois ainda entre elles vivem muitos que testemunharão o que esta constante amiga, e leal Nação praticou no anno de 1755, quando padeceo esta Capital o terrivel terremoto, com o soccorro dado de dinheiro, e mantimentos, (se bem descontentes da Corte de Portugal, e da Nação) o que deo na Guerra de 1762, de gente artilheria, armas, mantimentos, e ainda dinheiro, que tudo faltava a Portugal, quando essa Nação trazia guerra em todas as partes do mundo; nessa mesma occasião não deixou de praticar com integridade o mesmo que acabamos de vêr; e em todas as mais que a Historia nos conta; pois desde que em 1386 entrarão com o Duque de Lencastre no Porto, e firmarão a Alliança com o Senhor D. João I., nunca no dilatadissimo curso de mais de 4 seculos praticarão perfidia alguma para com os Portuguezes; antes concorreo sempre esta fiel Nação para a gloria dos Portuguezes, como se vio na grande victoria de Elvas, Montes Claros, e outras em que sempre estiverão promptas as suas Esquadras, Infantes, e Soldados de cavallo. A paz de 13 de Fevereiro de 1668 se ajustou, sendo mediador Sua Magestade Britanica, com tanta vantagem para os Portuguezes, como contra a vontade da França. Este he o modo de praticar da influencia maligna da Inglaterra; e o da influencia benigna da França he o praticado com o nosso Rei D. Affonso V. em o Reinado de ElRei Luiz XI., que offerecendo-lhe soccorro de dinheiro, e gente a tudo faltou com dissimulações, e delongas politicas, pondo em confusão ao nosso Catholico Rei a ponto de mandar acclamar o PRINCI-

PE

PE D. JOÃO seu filho, na firme resolução de não voltar a seus Estados. As proposições feitas ao Conde de Soure, nosso Embaixador na Corte de França em 1659, para que se restituissem as cousas ao mesmo estado em que se achavão antes da Acclamação do Senhor Rei D. João IV., e que os Duques de Bragança serião Vice-Reis hereditarios de Portugal, e que França ficaria por garante destes artigos, cujos forão por este grande Ministro rejeitados com desprezo, e do mesmo modo nesta Corte. O Tratado que fez Luiz XIV. em 1700 com ElRei de Hespanha para o ajudar a conquistar Portugal, ficando este Reino por equivalente dos Paizes Baixos, que o Monarca Hespanhol cedia a França. As hostilidades que fizerão na Cidade do Rio de Janeiro em 1711, e o saque que derão no Reinado de ElRei D. João V. A Protecção que acabamos de ter, nos ficará sempre em memoria, e na dos nossos vindoures.

Já mais a vil politica Franceza enganará aos Portuguezes; a Hespanha, e Portugal fizerão abater a soberba de Marengo, e de Austerlitz. A sabedoria Eterna, meu amado Amigo, tem na verdade disposto tudo com força, e com suavidade; se ora nos dá a beber o calix da amargura, ora nos offerece a bebida mais saborosa. Bebamos alternativamente por estas duas mysteriosas taças, que ella nos apresenta; mas não devemos consentir que em nossos lares habite, ou de passagem vá individuo algum desta vil Nação, para não inficionar os ares dessa amada Patria; elles não são os mesmos com as armas nas mãos, cómo sem ellas; mas de todo o modo são huns vís impostores, que como o carrancudo Leão apoderando-se da innocente victima com surrizo a affaga, e lhe bebe o sangue. Dizei, pintai o seu caracter aos nossos Compatriotas, ain-

ainda áquelles que vivem nos lugares mais remotos, para estarem attentos com vivacidade a fugirem das tramas que lhes possão urdir. Elles tem grandes vistas na nossa Patria; a Historia nos conta do que fizerão no Rio de Janeiro em 1711 no Reinado de Luiz XIV. Estejamos attentos; e gritai, como eu ainda de longe grito, *honrados*, *valorosos*, *e fieis Brasileiros*; *ás armas*, *ás armas*, *defendamos*, *como fizerão os nossos antepassados*, *a nossa Patria*, *e ao nosso PRINCIPE*, *morramos vencendo a huns cobardes* (que aqui bem o mostrarão que o são) *para se não apoderarem do nosso Territorio*; *e lembrai-vos que quando os motivos da Religião*, *da Patria*, *e do Rei*, *são os que nos movem*, *fazemos prodigios*; *arrancamo-nos dos braços da preguiça para passar aos da verdadeira grandeza*, *fazendo as acções mais heroicas.* Sim, Amigo, os que morrem no Campo de Marte em defeza da Religião, da Patria, e do Rei, cobertos de louros, os seus nomes são escritos nos annaes da gloria, e publicados pelo clarim da fama, assim como o do vencedor. E agora que temos por timbre o forte Escudo da Real Casa de Bragança, entregue pela benefica Mão do nosso amado PRINCIPE, que não duvidando da nossa lealdade, foi com toda a Real Familia viver entre nós; sim, entre os novos Lusitanos desse novo Imperio; nome que lhe foi dado pelo Senhor D. João III., que teve lembranças de ir estabelecer a sua Corte na Bahia, e o mesmo lembrou Alexandre de Gusmão ao Senhor D. João V.: e nós não ignoramos que o Senhor D. José o I. em 1762 tinha já huma Esquadra prompta para se transportar ao Brasil. Chegou em fim a vez de sermos felizes, e de ver florecer os nossos lares com o deposito da Real Casa de Bragança, que quiz extinguir o aventureiro Corso, que acezo em raiva sabe que o nos-

so

so coração exulta de alegria, e que nos conduz, cheios de fidelidade, a beijar os pés do Throno, e de sustentar com o maior ardor os direitos do nosso legitimo PRINCIPE, fazendo com a nossa sorte não só inveja aos velhos Lusitanos, mas ainda a toda a Europa. O espirito patriotico não deve afrouxar entre nós; devemo-nos esforçar para defendermos o nosso Paiz, á custa da propria vida; pois este he o verdadeiro Espirito Nacional; imitemos pois aos Inglezes, que de entre elles não se extingue nunca o amor da Patria, pois he fundado em certos principios que nunca mudão de opinião; elles, quando he preciso, fazem artificiosamente luctar os elementos huns contra os outros, segundo os interesses do seu Soberano. Se achais que me adianto alguma cousa por insinuar-vos esta Moral, perdoai que eu siga ávante, pois fui testemunha ocular das tyrannias que fizerão estes malvados; que não contentes do que roubarão dos sagrados Templos, a tiro de peça despedaçarão os Santuarios, e as Sagradas Fórmas. Lembrai-vos que ha poucos annos os desta inconstante e deshumana Nação depozerão o seu Rei, e ignominiosamente o guilhotinarão, e a todos os fieis Vassallos que erão do seu partido, a fim de seguirem o Estandarte da Liberdade, e Igualdade; depois trocarão este pela Aguia rapinadora, que lhes introduzio hum Corso, (filho de huma Nação que só produz escravos) que depois o acclamarão seu Imperador, e fazendo-se mais escravos que dantes, desappareceo logo a liberdade, e igualdade. Fica demonstrado nestas breves palavras o caracter desta barbara Nação, indigna de se associar com homens virtuosos: e com razão diz certo Author, que os Francezes mostravão terem escapado da mão da Natureza, quando não tinha entrado na sua composição, senão ar e fogo. Eu accrescento ainda, que tendo o caracter dos Corsos

tres

tres condições, são a elles proprias, como lhes descubrio a Antiguidade: I. *Negare Deum.* II. *Nullam habere fidem.* III. *Vivere rapto.* Aqui tens, Amigo, que negar a Deos, não ter fidelidade, e viver de roubo, he justamente o que nestes dias pratíca a França feita toda Corsega com o seu Chefe. Sim, prova-se o mesmo caracter neste verdadeiro Atheo pelos factos passados, e pelo praticado proximamente com ElRei de Hespanha Fernando VII., que dando-lhe o osculo de paz, qual outro Judas quando vendeo a Christo, depois o aprisionou por não querer renunciar a Coroa que legitimamente possuia, e o mesmo pratíca com seu Pai, e toda a Real Familia. Nas Pyramides do Egypto he o mais devoto Mahometano, he aquelle, que para apanhar com vil manha o dinheiro dos Judeos, lhes offerece restabelecer a Republica Hebrea na Palestina, chegando a receber daquelles mentecaptos as honras de Messias. E quem confiará a sua sorte de hum monstro desta casta?

Amigo, os Portuguezes tem sido Heroes, não se hão de esquecer das desgraças que ainda lhes podem acontecer. Portugal tem huma população de 3:200$ mil homens; destes não deixará de armar-se ao menos a decima parte. Eu sei que devemos confiar muito nos nossos valorosos Alliados; mas Alliados são sempre huma causa secundaria, e a causa he principalmente dos Portuguezes, que não devem confiar cégamente nos Alliados; elles por si só devem fazer quanto poderem, e depois pedirão soccorro. O inimigo commum he o mais malvado, que se tem visto; elle não perderá hum momento para nos supplantar; e os Portuguezes não devem perder, não digo dias, digo horas. A Nação está em agitação, e com espiritos guerreiros, será bom não a deixar esfriar. A Hespanha lucta ainda, os Portuguezes devem luctar tambem com ella. Ella requer

quer os seus serviços, elles não devem negar-lhos; porque até tem a vantagem de fazer a guerra a hum Paiz estranho, defendendo aos seus visinhos, e igualmente a sua Patria.

Vós vistes, Generosos Portuguezes, com que moeda foi pago o generoso acolhimento feito ao Chefe dos Bandidos que veio a Portugal.

Nos Diarios de Sant-Iago se dizia, que a Martinica fora tomada aos Francezes pelos Inglezes; que Napoles está levantado, e que os Francezes fugirão; que perderão 5$ homens em hum ataque com os Hespanhoes; que a Austria está em guerra com a França; e que o Papa está inteiramente tratado com o maior desprezo. Eis-aqui como as desgraças se renovão, e não acabaráõ certamente em quanto viver o infame Monstro, que a Corsega produzio para destruir a Religião, assassinar, e roubar a todo o Universo: estes são os designios deste Reformador do Mundo. Portuguezes, ouvi os circulos d'Alemanha, folheai os recentes annaes da Hollanda, da Suissa, da Saboya, Piemonte, Genova, Veneza, Florença, Roma, Napoles, e os da Italia inteira, e vos horrorizará a desolação, e espanto que o impio Napoleão, e suas Tropas incendiarias esparzirão por tão formosos Paizes; destruindo o Catholicismo, aonde quer que o encontrão, roubando a todos quanto tinhão de precioso; arrancando os mancebos do seio das suas familias para arrastá-los ás suas Bandeiras; e immolando á sua infernal lascivia não só as Donzellas inermes, mas tambem (quem não estremece ao ouvi-lo?) aquellas valorosas Lucrecias, victimas da sua pureza, que não poderão render, senão depois de haverem perecido ao fio das suas espadas. Vós vistes do mesmo modo o que praticarão estes impios na vossa Patria: a Hespanha geme ainda: vós tendes presente o espelho em que vos deveis

mi-

mirar, vêde nelle a Protecção que vos prometterão, e o retrato da sorte que vos espera; se vós não vos armardes contra tão desnaturados Tyrannos, que fizerão os ricos pobres, e os pobres mendigos. Não vos prometterão conservar intacta a Religião? Porém a sua nova Theologia tinha encontrado meios para despojar as vossas Igrejas, e roubar as suas alfaias. Que Religião! Que pontual desempenho das suas palavras! Que humanidade! Que nova Filosofia ultramontana! Desgraçados Francezes! Sacrificados á prepotencia, conduzidos fóra dos seus lares para saciar a hydropica cubiça do seu tyranno, de que lhes serve a revolução do Mundo inteiro, a ruina dos Imperios, a devastação das Cidades; a profanação dos Templos, os saques, os roubos, e os crimes de toda a especie? Os miseraveis Soldados, depois de mergulhados em hum mar de atrocidades, para engordar o Tigre que os devora, morrem huns hoje, outros á manhã, sem saberem para que trabalhão, nem poderem ter descanço, nem dar á sua Patria a paz, unico bem que póde glorificar as emprezas dos Guerreiros.

A desgraçada ambição, que he a mola real que governa o coração do homem perverso, que o faz esquecer de não contemplar no seu ser, de amar a virtude, para não sacrificar o seu semelhante, he que o conduz ao infame trafico de matar, e de morrer sem causa. Deos quer tranquillizar o Mundo, e pôr termo a tantas calamidades; assim o devemos julgar. A fortuna parece que já não está muito bem com o tal Corso, porque parece incomprehensivel o que elle tem soffrido na Hespanha, e Portugal. Mas nós o vemos, e na realidade não he hum sonho, nem o que se annunciava nesta Corte pelos seus sectarios, quando se jactavão de serem os invenciveis do Norte. Na Santa Igreja Patriarcal, e em todas as mais Igrejas, e Conven-

ventos deste Reino, se fizerão festas as mais solemnes, que ver se póde, com toda a pompa em acção de graças; e do Convento da Graça sahio em procissão o Senhor dos Passos, para o que forão convidadas todas as Communidades, e Corporações Ecclesiasticas de Lisboa, acompanhadas de immenso Povo de hum e outro sexo, e de muitas Senhoras da primeira qualidade; e pelo espaço de doze dias esteve a Cidade toda illuminada. Fica esta Capital governada pelos Excellentissimos Senhores Governadores deste Reino, segundo as Ordens de S. A. R., e com a maior actividade se dão as providencias mais necessarias para a conservação da paz e tranquillidade pública.

Julgava, amigo, que fazia huma carta, e fiz hnm sermão com a differença que, em lugar de acabar dizendo Amen, acabarei certificando-vos o respeito, que vos he devido, e com que tenho a honra de ser de todo o meu coração vosso amigo e patricio.

FIM.